

Malan traça quadro preocupante

O clima da primeira reunião ministerial deste Governo foi de preocupação com as dificuldades que o País enfrentará nos próximos meses. Depois da exposição inicial do presidente Fernando Henrique Cardoso pedindo que os ministros façam tudo com pouco dinheiro, o ministro da Fazenda Pedro Malan, fez uma avaliação realista do desempenho da economia mundial. O Produto Interno Bruto (PIB) do mundo, segundo ele, crescerá apenas 1% neste ano. Potências mundiais como os Estados Unidos vão crescer apenas a metade do índice registrado no ano passado. A intenção do Palácio do Planalto foi mostrar aos novos ministros que assumiram no dia primeiro a realidade do Brasil e confrontá-la com a economia mundial.

Ao explicar as dificuldades econômicas mundiais, Malan disse ainda que no biênio 98/99 o PIB do Japão terá uma queda de 5% e, alguns países da Ásia, mercado que representa 36% da economia mundial, vão registrar uma queda de 15%. Na Europa, o crescimento será de apenas 2% do PIB. "O País está inserido neste quadro de dificuldades mundiais", disse o líder do Governo na Câmara, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP). Após Malan, o ministro do Orçamento

e Gestão, Paulo Paiva, fez comentários sobre a economia brasileira. "Neste ano teremos que enfrentar a crise", insistiu Paiva na reunião.

O Governo prevê gerar um superávit primário de 1,8% no orçamento deste ano, o equivalente a R\$ 16,3 bilhões. Esta estimativa não atinge a meta definida pelo Fundo Monetário Internacional que é de 2,6%. Paiva repetiu as palavras do Presidente de que é necessário aprovar as medidas de ajuste fiscal para diminuir a taxa de juros do País. Nas duas horas de reunião, no salão oval do Palácio do Planalto, o Presidente acompanhou a exposição dos ministros e fez apenas rápidas intervenções. Não houve comentários sobre a moratória de Minas Gerais e nem sobre a expectativa de quando e quanto será a queda da taxa de juros prevista pelo Governo.

Paulo Paiva mostrou aos novos ministros a missão do Governo diante da crise econômica. Segundo ele, é preciso garantir para os próximos três anos o equilíbrio da relação dívida pública e Produto Interno Bruto, definir a estrutura básica do programa de ajuste fiscal e detalhar o orçamento deste ano. O desequilíbrio do Orçamento da União, segundo ele, acontece



Pedro Malan, Paulo Paiva e Claudia Costin: crise lá fora

por causa do déficit da Previdência do INSS e da União. "Quanto mais rapidamente avançarmos neste sentido, mais rapidamente teremos recursos para as atividades finalísticas", disse.

Depois de Paiva, o ministro chefe da Casa Civil, Clovis Carvalho, comentou sobre o gerenciamento da máquina pública. Segundo ele, dos R\$ 30 bilhões destinados para as atividades de custeio neste ano, mais de 70% ficará com a área social. "A área social continua a ter o seu orçamento que é adequado as possibilidades", disse Clovis. O Presidente encerrou a reunião com comentários sobre cada um dos novos ministérios e secretarias de estado que

criou para o seu segundo mandato e elogiou o funcionalismo público. Para ele, há muitas críticas, mas o estado brasileiro é "moderno" e tem um funcionalismo público dedicado.

Depois da reunião, o Presidente foi para o Palácio da Alvorada onde permaneceu durante a tarde, quando houve denúncia anônima de que havia bomba no Palácio do Planalto e no Ministério da Fazenda. Os seguranças da Presidência fizeram varredura no gabinete do Presidente, onde aconteceu a reunião, e na entrada principal do anexo do Palácio do Planalto.

MARCIA GOMES

Repórter do Jornal de Brasília